

**Universidade do Vale do Paraíba Faculdade de Educação e Artes Curso de
Educação Física**

Joyce de Fátima Pereira

**Abordagem metodológica do treinamento de goleiro de futebol para pessoas com
espectro autista**

São José dos Campos/SP

2025

JOYCE DE FATIMA PEREIRA

Abordagem metodológica do treinamento de goleiro de futebol para pessoas com espectro autista

Relatório final apresentado como parte das exigências da disciplina trabalho de graduação à coordenação de TG do curso de Educação Física da Faculdade de Educação e Artes da Universidade do Vale do Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Elessandro Váguino de Lima

Coorientadora: Profa. Kelva Geany do Nascimento Silva

São José dos Campos/SP

2025

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E ARTES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TRABALHO DE GRADUAÇÃO

Abordagem metodológica do treinamento de goleiro para pessoas com
espectro autista

Aluno(s): Joyce de Fátima Pereira

Orientador: Prof. Dr. Elessandro Váguino de Lima

Coorientador: Profa. Kelva Geany do Nascimento Silva

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Elessandro Váguino de Lima
Prof. Kelva Geany do Nascimento Silva
Prof. Dorival Cesare Junior
Prof. Me. Claudio Alexandre Cunha

Nota do Trabalho: 9,5(Nove e meio)

São José dos Campos/SP
2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho para os meus pais e minha irmã que moram comigo e a minha avó Cida, que foi o meu motivo para entrar nessa faculdade.

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela força, sabedoria e discernimento concedidos ao longo dessa jornada de quatro anos na faculdade.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Elessandro Váguino de Lima, pela paciência, orientação e pelos valiosos conhecimentos compartilhados durante todo o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso.

À minha coorientadora, Profa. Kelva Geany do Nascimento Silva, por toda dedicação, apoio e ensinamentos, não apenas neste TCC, mas também durante o estágio e na vida profissional, contribuindo para que eu me tornasse uma profissional mais comprometida e apaixonada pela área da Educação Física.

Aos professores do curso de Educação Física, por toda a contribuição acadêmica e pelas experiências compartilhadas ao longo desses quatro anos de aprendizado.

Aos meus amigos, que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo apoio e incentivo, mesmo que nossas áreas de atuação dentro da Educação Física fossem diferentes.

À minha família, por todo o amor, compreensão e esforço em me proporcionar uma educação de qualidade, impulsionando-me na busca constante por novos conhecimentos.

E, por fim, a mim mesma, por nunca desistir, mesmo diante dos desafios enfrentados dentro e fora da faculdade. Apesar do cansaço físico e mental, dos dias longos de estágios e estudos, permaneci firme. Acordar às quatro e meia da manhã e dormir à meia-noite tornou-se rotina, mas cada esforço representou um passo rumo à realização deste sonho.

EPIGRAFE

“O autismo é um espectro com habilidades e limitações, mas se o foco for as limitações, nunca enxergaremos as possibilidades. Abra a sua mente!”

— Gretchen Stipp

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Partes do cérebro afetadas pela falha sinapse.....	17
Figura 2: Pegada - ato de segurar a bola realizado pelo goleiro	24
Figura 3: Movimento de queda realizado pelo goleiro a fim de agarrar a bola	25
Figura 4: Saída do gol executada pelo goleiro	26

RESUMO

Pessoas com Transtorno do Espectro Autista podem ter benefícios favoráveis com a prática esportiva, em especial no futebol. Este trabalho teve como objetivo analisar a influencia do treinamento de goleiro de futebol para a pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e como as metodologias utilizadas no treinamento de goleiro de futebol podem favorecer no desenvolvimento da pessoa atípica. Para isso foi utilizado uma pesquisa de carácter descritivo e analítico, realizada por meio de revisão bibliográfico em bases de dados como Scielo, PubMed e Google Acadêmico, além de livros e periódicos especializados. Os resultados apontaram que por conta do método mais utilizado no treinamento de goleiro é o individualizado, ele pode trazer benefícios para a melhora da concentração, coordenação e o engajamento do atleta atípico, pois as características do individuo com TEA, como o hiperfoco e a dificuldade de socialização, podem ser utilizadas de forma positiva nesse método de treinamento, uma vez que essa posição exige concentração, atenção e prática individualizada. Conclui-se que o treinamento adaptado é uma opção para que a pessoa com o Espectro Autista possa praticar um esporte que lhe proporcione benefícios para ele e se sentir incluído no meio de outros jogadores.

Palavras-chave: Goleiro. Espectro Autista. Treinamento de goleiro. Futebol.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	JUSTIFICATIVA	12
3.	HIPÓTESE	13
4.	OBJETIVOS	14
5.	METODOLOGIA	15
6.	REVISÃO DE LITERATURA	16
6.1	Transtorno do espectro autista e suas comorbidades	16
6.1.2	Pessoa com espectro autista e o esporte	19
6.2	O goleiro de futebol	21
6.3	Treinamento de goleiro de futebol	22
6.3.1	Fundamentos do goleiro de futebol	23
6.3.2	Metodologia do treinamento de goleiro	24
6.3.3	Capacidades físicas do goleiro de futebol	26
6.4	O treinador esportivo e a pessoa com TEA	27
7	DISCUSSÃO	29
8	CONCLUSÃO	31
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

1. INTRODUÇÃO

Vive-se em uma sociedade onde antigamente não se falava sobre a população autista, todavia com o progresso da medicina isso vem mudando. Na última divulgação feita pelo *Center for Disease Control and Prevention*, nos EUA uma a cada 36 crianças possui transtorno do espectro autista (TEA), podendo variar no nível 1, 2 e 3. Ao relacionar o número de pessoas com espectro autista com a população brasileira, isso resultaria em um contingente de mais de 4 milhões de pessoas. Vale destacar que o aumento nos diagnósticos não significa obrigatoriamente um aumento na prevalência do TEA, contudo uma melhora na compreensão e identificação do transtorno (Barreto, 2023).

No estudo de Lorna Wing (1979 apud Marinho; Merkle, 2009), as pessoas com TEA estão em três grupos que podem se denominar tríade, onde podemos identificar as perturbações que lhe incomodam, ressaltando que cada autista tem seus níveis e dificuldades no convívio do dia a dia. São elas: a Área Social, a da Linguagem e Comunicação e a do Comportamento e Pensamento.

De acordo com os mesmos autores, na área social, a pessoa com TEA, tem dificuldade em questão do relacionamento, podendo ser até com familiares, como: evitar contato visual, dificuldade em apresentar expressões faciais, necessidade de priorizar sua rotina e dificuldade para realizar atividades em conjunto com outras pessoas. Consequentemente, esses aspectos comprometem a interação e comunicação social da pessoa, podendo gerar um constrangimento e assim as comorbidades psiquiátricas atrapalhar no tratamento e diagnóstico da pessoa com TEA.

Na Área da comunicação e linguagem a pessoa atípica tem dificuldade na linguagem verbal e não verbal, apresentando dificuldade no entendimento de algumas falas, necessitando de um especialista que tenha conhecimento na área para auxiliar a pessoa com TEA a entender sua comunicação com outra pessoa. Segundo Lamônica (1992 apud Marinho; Merkle, 2009), cerca de setenta e cinco por cento das crianças com TEA que falam, apresentam ecolalia, que se caracteriza por um distúrbio da linguagem e repetição de palavras, frases ou sons, podendo também apresentar uma dificuldade na compreensão de alguns termos e assim necessitando de acompanhamento.

De acordo com os mesmos autores, a área do comportamento e pensamento também é afetada, onde a pessoa com TEA perde a sua imaginação, o seu “faz de conta”, pois não percebem o objeto inteiro, mas só uma parte, e não entende muitas vezes as brincadeiras de outras crianças. Nesse momento, faz-se necessário a presença do cuidador e do professor para que possam auxiliá-los nas variadas limitações.

A criança com TEA apresenta movimentos estereotipados, movimentos repetidos das mãos, corre de um lado para o outro, insiste em manter determinados objetos consigo, fixa somente numa característica do objeto e acabam por ficar em isolamento e não se socializam. Portanto, pensando na qualidade de vida das pessoas atípicas e sabendo, que a taxa de obesidade entre os indivíduos com TEA é 30,4% e 23,6% em crianças com desenvolvimento típico, a prática de atividades físicas é recomendada e uma das atividades que contém essas características é o treinamento de goleiro (Ricco, 2017).

“A partir do acompanhamento dos treinos, podem ser percebidas as peculiaridades da posição desse atleta em relação às demais, desde as vestimentas, os treinos diferenciados e, aparentemente, mais exaustivos do que os do restante do grupo, até a pouca interação com os demais colegas” (Andrade; Centenaro; Scopel, 2006, p. 272).

Os fundamentos do goleiro e as metodologias utilizadas durante o treinamento podem atender às necessidades da pessoa com TEA. Muitas vezes, o treinamento é específico e realizado de forma isolada, o que pode favorecer a comunicação entre o treinador e o goleiro com espectro autista, auxiliando significativamente no processo de aprendizagem.

2. JUSTIFICATIVA

Na percepção da sociedade, o autista enfrenta muitas dificuldades e sempre precisará de apoio. No entanto, muitos possuem hiperfoco, inteligência acima da média e até reflexos mais rápidos.

O goleiro precisa desenvolver muitas características como foco para não perder o lance e inteligência para se posicionar corretamente na área do gol, entre outros. Essas características podem ser encontradas em pessoas com espectro autista, além disso, o goleiro necessita de um treinamento específico e individualizado, trabalhando apenas com o treinador específico para essa função. Esse formato de treino confere ao atleta atípico uma maior liberdade e autonomia para expressar sua identidade, especialmente em um contexto social que ainda impõe muitos julgamentos, o que pode acarretar um transtorno significativo, contribuindo para o surgimento de quadros de depressão e ansiedade na pessoa atípica.

Tais aspectos justificam o desenvolvimento do tema com o propósito de investigar as características presentes em indivíduos com TEA que podem ser aproveitadas no treinamento de goleiros direcionado a esse público.

3. HIPÓTESE

Espera-se, ao final desta pesquisa, que a comparação das características de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e as do goleiro, possibilite a apresentação de aspectos positivos associados ao treinamento de goleiros de futebol para pessoas atípicas.

4. OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Descrever o perfil da pessoa com transtorno do espectro autista (TEA) e apresentar características metodológicas do treinamento de goleiro de futebol para pessoas com TEA.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever sobre o transtorno do espectro autista;
- Apresentar os fundamentos e abordagens metodológicas do treinamento de goleiros de futebol;
- Relacionar o perfil da pessoa com espectro autista com as características do treinamento de goleiros de futebol.

5. METODOLOGIA

O presente estudo se caracterizou como uma revisão de literatura descritiva e analítica sobre o tema relacionando as características da pessoa com espectro autista, as características do goleiro e a abordagem metodológica de seu treinamento. Foi realizado a partir de uma revisão bibliográfica abrangente, consultando bases de dados como Scielo, PubMed e Google Acadêmico, além de sites, livros e periódicos relacionados ao tema.

Os termos base utilizados na pesquisa foram: Goleiro. Espectro Autista. Treinamento de goleiro. Futebol.

6. REVISÃO DE LITERATURA

A presente revisão abordou conceitos metodológicos direcionados para o treinamento de goleiro e a possível correlação entre as características da pessoa com TEA com as ações executadas pelo goleiro, tanto no momento do treinamento quanto durante uma partida de futebol.

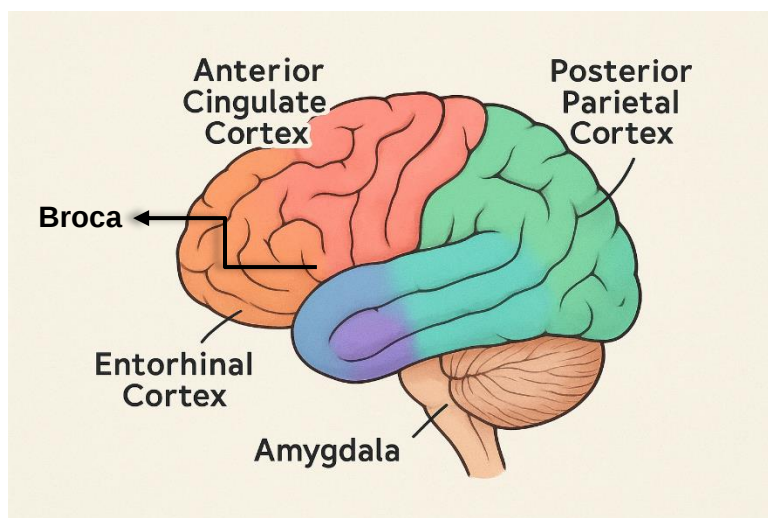
6.1 Transtorno do espectro autista e suas comorbidades

A definição do TEA teve início na primeira descrição feita por Leo Kanner, em 1943, no artigo: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo (*Autistic disturbances of affective contact*), na revista *Nervous Children*, número 2, páginas 217-250. Na descrição no artigo é ressaltado o sintoma “p isolamento autístico”, que segundo Kanner, estava nítido na criança desde o início de sua vida, sendo diagnosticado como um distúrbio inato (1992 apud Marinho; Merkle, 2009). Antes de ser descrito por Kanner em 1943, o autismo era identificado como “esquizofrenia infantil” (Santos *et al.*, 2020).

Antes das décadas de 70 e 80, o autismo era visto como uma psicose, após estudos de Kanner e Bosa, o autismo ganhou seu diagnóstico correto. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Transtorno do Espectro Autista (TEA), é o conjunto das suas características de dificuldade no convívio social, podendo ser comunicação verbal e não verbais e assim, preferindo o isolamento (Santos *et al.*, 2020).

Em relevância em um estudo postado na revista *Cell*, analisando o autismo na parte neurológica, ele é identificado por conta das alterações na estrutura cerebral do indivíduo analisado post mortem, onde impacta o funcionamento de áreas específicas do cérebro, justificando as principais comorbidades da pessoa com TEA. Por exemplo, alterações nas regiões como o córtex entorrinal, córtex cingulado anterior, amígdala e o córtex parietal posterior estão relacionados no comportamento repetitivo e na interação social da pessoa atípica com as pessoas. Já a alteração observada na área de Broca é relacionada aos deficits de comunicação (Blatt, 2012).

Figura 1 – Partes do cérebro afetadas pela falha sinapse



Autor: Elaborada pelo autor com auxílio do ChatGPT (2025).

Essa mudança no cérebro tem em relação à sinapse durante o desenvolvimento pós-natal e a célula micróglia, que seria a responsável em manter a homeostasia do Sistema Nervoso Central (SNC), assim restaurando e ajustando a função neural no indivíduo. Todavia estressores ambientais como lesões, infecções, toxinas ou restrições dietéticas podem influenciar na harmonia do Sistema Nervoso Central (SNC), com isso a micróglia pode entrar em um estado temporário de instabilidade. Quando essa situação ocorre no desenvolvimento, como no período gestacional ou durante a infância, a sua função de poda sináptica pode ser interrompida, e consequentemente, isso pode resultar nas alterações no comportamento social e no processo sensorial. Assim aumentando os riscos do surgimento do transtorno do desenvolvimento, como estudado, o TEA (Chagas; Santos, 2025)

Segundo estudo de Evangelho et al. (2021), os dados registrados entre o período de 1990 a 2016, apontaram que 62,1 milhões de pessoas no mundo tem o transtorno do espectro autista. Já no Brasil, estima-se que há aproximadamente, 2,7 milhões de indivíduos com autismo (1% da população), segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU, 2017) e dados da *Global Burden of Disease Collaborative Network* (Silva et al., 2024).

Com o crescimento da população com TEA, houve a criação da Lei Nº 12.764, no dia 27 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012), a qual

“institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA)” § 1º [...] é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II: I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento; II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos (Brasil, 2012, p. 1).

Já em 2020 houve a criação da Lei nº 13.977, denominada “Lei Romeo Mion”, no qual concebe as pessoas com TEA a carteirinha de identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), com o objetivo de garantir pronto atendimento, atenção especial para seus cuidados e para identificar precocemente, para seu devido tratamento (Brasil, 2020).

Pessoas com TEA são consideradas atípicas, e podem ser acometidas de comorbidades, podendo ser apresentadas nas condições físicas, comportamentos adversos e deficiência intelectual (DI). As comorbidades mais prevalentes são: epilepsia, distúrbio do sono, transtorno de atenção e hiperatividade (TDAH), além da depressão (Bianchini; Souza, 2014).

Ter o conhecimento dessas comorbidades é de suma importância não só para entender o autista, mas também para beneficiar nos estudos do diagnóstico da pessoa com TEA, para impor limitações e criar oportunidades terapêuticas, inclusive identificar as atividades educacionais e esportivas que podem auxiliar no tratamento e por fim, promover informações ao entendimento dos mecanismos fisiopatológicos do TEA (Ronzani *et al.*, 2021).

No caso de esportistas com TEA, saber identificar as comorbidades é bastante importante, porém saber manipular as atividades para induzir impactos positivos na vida da pessoa com TEA é primordial. Um exemplo fora

do esporte foi utilizar a comorbidade de hiperfoco e criar atividades para que pessoas com TEA conseguissem trabalhar no seu aprendizado matemático. O hiperfoco também pode ser explorado na utilização por pessoas com TEA no esporte, para que se dedique mais no exercício e não perca a sua atenção (Santos; Teixeira, 2024).

Uma das comorbidades que normalmente uma pessoa atípica tem é a dificuldade de interação social, podendo fazer comentários pouco relevantes, pois não conseguem compreender alguns assuntos, como por exemplo ironias ou trocadilhos, dificuldade em interpretar a linguagem corporal e não estabelecer amizades facilmente (Vicente et al., 2016). Essa é uma das comorbidades que requer mais atenção e dificuldade, pois há necessidade de um tratamento especial, possivelmente um especialista dedicado a ele. Esse profissional tem o dever de ganhar a confiança do paciente para que o autista consiga se comunicar e prosseguir com o tratamento.

Os sintomas e comportamentos podem variar por conta do grau do TEA, podendo ter autistas com sintomas leves ou mais graves (Vicente et al., 2016).

6.1.2 Pessoa com espectro autista e o esporte

A prática do esporte e da atividade física proporciona benefícios positivos para todos, tanto nas questões física, mental e intelectual, contribuindo para a prevenção de doenças crônicas e promovendo melhor qualidade de vida de modo a alterar as capacidades metabólicas e funcionais. Para a pessoa com TEA, a prática esportiva também pode ser desenvolvida com intuito de reduzir o comportamento agressivo, proporcionar um melhor convívio social, melhorar as capacidades física e motora, a qualidade do sono, além de atenuar a ansiedade e depressão. De acordo com Ricco (2017), o exercício presente na vida dessas pessoas com TEA melhora a memória, a concentração, a performance acadêmica e a saúde mental.

Relatos de sucesso no uso do esporte como ferramenta de transformação e inclusão pode ser visto na história de Charlison, que

conseguiu uma oportunidade ao solicitar ajuda ao técnico de basquete do Botafogo. Devido às suas limitações ele não havia obtido êxito na peneira, mas Carlos Salomão, o técnico do Botafogo, ofereceu uma segunda chance e hoje sua vida está totalmente mudada. Além da evolução na quadra, o esporte proporcionou uma melhor qualidade de vida, pois houve um ganho em seu quadro cognitivo. Charlison tinha dificuldade de se concentrar e de interagir com as pessoas, após análise da psicóloga do Botafogo, Luiza comenta “Hoje ele consegue prestar mais atenção, tem mais capacidade das funções executivas, de pensamento, de memória. A questão da socialização com outros jogadores influiu muito na evolução dele” (Dilascio; Juppa; Santos, 2023).

Outro caso de sucesso é de Safia Middleton-Patel, goleira com autismo do Manchester, que mesmo com dificuldades de interação social, sensoriais e até de adaptação à rotina esportiva, vem se destacando e até ganhando prêmios de destaque na atuação de goleira nas partidas que participa (Standley, 2025). “Quando estou jogando, é quando estou hiperfocada”, diz Middleton-Patel. “Quando estou no campo de treinamento ou jogando, não ouço nada - sou apenas a bola e eu mesmo” (Standley, 2025).

A hipersensibilidade é uma das características da pessoa com TEA. Excesso de estímulo na competição, com gritos, aplausos, barulhos de buzina e etc. podem ter impacto na concentração dessas pessoas (Standley, 2025). Segundo relatos da goleira Safia: “Às vezes eu sento no banco e coloco minhas mãos sobre meus ouvidos e recebo olhares sujos dos torcedores porque eles ficam tipo, ‘você é uma criança?’” e sua resposta sempre é a mesma, “Não, estou tentando me concentrar” (Standley, 2025).

Segundo o mesmo autor, Safia Middleton-Patel sempre enfrentou dificuldades em outros grandes clubes, já perdeu oportunidades por conta das pessoas e até dos seus próprios técnicos não lhe entender, por isso sempre precisamos de profissionais preparados para nos ajudar como no Manchester United, onde ela se sentiu acolhida e bem cuidada, onde respeitam suas diferenças e tentam lhe entender melhor para ajudar.

Segundo relato de Safia: "Eles são muito, muito compreensivos. E se eles não entenderem, eles sempre me puxarão para um bate-papo. Eles nunca vão tentar e ficar tipo, 'por que eu disse isso, por que eu disse assim'. Eles querem me entender mais do que qualquer outra pessoa" (Standley, 2025).

6.2 O goleiro de futebol

“A escolha de uma posição em uma equipe de futebol significa assumir responsabilidades” (Andrade; Centenaro; Scopel, 2006, p. 3).

Ainda de acordo com os mesmos autores, a posição de goleiro é uma das mais complicadas pois a diferença já vem desde o treino até com o jeito de lidar com a pressão do jogo, respondendo a várias dificuldades tais como: os diversos e exaustivos treinamentos, a incompreensão do torcedor diante de uma falha, a necessidade de autodisciplina, o controle emocional e a solidão característica da posição de goleiro.

Lamentavelmente, ainda a posição do goleiro é muito desvalorizada e julgada, mesmo com toda sua ação fantástica no jogo, por levar um gol é menosprezado e julgado, por vezes, levando a culpa pela eliminação de seu clube (Voser, 2010).

Enquanto o objetivo dos jogadores de linha é fazer gols, o do goleiro é a difícil missão de evitar gols. Com a modernidade, são sugeridos novos métodos de treinos, táticas que também mexeram com o papel do goleiro, trazendo-o como um tipo de líbero, necessitando que tenha o trabalho com o pé também e sendo uma peça importante na área defensiva (Berto; Magalhães, 2017). Portanto, a função de goleiro vem ganhando mais responsabilidades, pois do seu local de posição consegue fazer a leitura do jogo e organizar as posições de seus jogadores e solucionar os problemas do ataque e defesa (Souza, 2019).

Porém, é importante lembrar que não podemos julgar ou excluir aquele goleiro que só sabe trabalhar com as mãos, pois esse sempre foi o seu objetivo maior, saber defender o gol e evitar que seu time perca (Berto;

Magalhães, 2017).

Ser goleiro não é só chegar e “se jogar” para defender, segundo Voser (2010) um bom goleiro não se resume só nas táticas, o físico e nem sua estatura como muitos pensam, ele necessita das características intrínsecas: dedicação, humildade, vontade de aprender, personalidade, perseverança e tantos outros adjetivos que se encaixam ao atleta que decide ser goleiro.

6.3 Treinamento de goleiro de futebol

No início do futebol, os goleiros treinavam juntamente com os jogadores de linha, não tendo seu treinamento específico, com isso o rendimento dos goleiros não tinha evolução, desse modo por volta da década de 1970 surgiu o profissional responsável pelo treinamento de goleiro. A princípio os primeiros treinadores eram ex-atletas ou atletas da área de atuação (goleiro), que utilizavam como base para ensinamento, os seus próprios erros quando atuavam na posição, portanto, revolucionando o treinamento de goleiro, tanto na parte técnica quanto na parte física, tática e psicológica. Raul Carlesso e Valdir Joaquim de Moraes foram os pioneiros no papel como preparador de goleiro. Raul Carlesso incrementou metodologias novas para os seus atletas, lançando um Manual de Treinamento de Goleiro em 1981, e assim foi criado o dia do goleiro que é comemorado em 26 de abril (Fagundes, 2020).

“Uma grande equipe começa com um grande goleiro, que inspira confiança a sua equipe, para isso é necessário que haja treinamento dos mais apurados e condições físicas excepcionais para que ele possa atuar com precisão e segurança “(Voser, 2010, p.174)

Em um questionário postado no ENIC (Encontro de iniciação e pesquisa 19º edição) feito pelas escritoras Ana Paula e Paula Grippa foi demonstrado que o treinamento de goleiro é a base de conhecimento da vivência, utilizando recursos metodológicos, a combinação dos métodos de treinamento em conjunto de pliometria (Marreiros; Sant’Ana, 2022).

Em equipes de alto rendimento o treinamento de goleiro é feito de dois modos, o analítico ou global. Em uma pesquisa postada pela Revista Brasileira do Futebol e Futsal, entre três equipes que foram analisadas, duas utilizam o método analítico, que consiste na realização da repetição do movimento, assim o atleta aprende o fundamento da defesa para que no jogo saiba fazer a técnica correta, já uma equipe utiliza o método global, que se compõe por um treino mais geral (Gonçalves; Silva; Scaglia, 2021).

6.3.1 Fundamentos do goleiro de futebol

Segundo Lima (2009) todos os movimentos são importantes, todavia entre eles há os principais, tais como:

- Pegada: O ato de segurar a bola. O movimento que traz mais segurança ao atleta. As mãos devem estar em volta da bola e seus dedos polegares e indicadores formando um triângulo;
- Reposição de bola: O movimento que inicia o jogo. Podendo ser realizado com a parte inferior ou superior (Mãos ou pés), onde o goleiro faz um lançamento da bola para o seu jogar de linha, iniciando ou com os jogadores defensivos ou com o ataque;
- Queda: É o deslocamento do corpo para a lateral pode ser realizada tanto no chão, como no ar. É um dos movimentos mais difíceis e mais importantes, pois necessita de muita impulsão e agilidade, um movimento que é realizado para defender bolas nos cantos do gol;
- Saída do gol: Durante uma partida o goleiro utiliza muito esse movimento, podendo salvar o time ou acabando com o jogo. Normalmente utilizando o grito “EU” ou “MINHA” para avisar os seus parceiros para não os machucar. A saída de goleiro pode ser tanto alta, quanto baixa. Onde a baixa pode ser chamada de “X”, ou adaptando do futsal, o esquadro. Um movimento onde o goleiro abre as pernas e os braços e vai em direção da bola para defender o chute de perto.

6.3.2 Metodologia do treinamento de goleiro

Em estudo realizado por Gonçalves (2021), identificou-se que duas das três equipes analisadas adotavam majoritariamente o método analítico no treinamento de goleiros. Esse método caracteriza-se pela fragmentação do gesto técnico, enfatizando a aprendizagem dos movimentos fundamentais de forma isolada e altamente especializada. Tal abordagem permite ao treinador trabalhar individualmente com o goleiro, corrigindo erros específicos e aperfeiçoando cada fundamento técnico de maneira detalhada.

A literatura especializada comprova essa perspectiva. Domingues (2012), ao abordar os fundamentos da posição em 100 Segredos do Goleiro, destaca que cada movimento — como quedas, reposições, empunhaduras e deslocamentos — exige uma metodologia própria, fundamentada em repetição, precisão e feedback contínuo. De modo semelhante, o manual técnico Futebol: História, Técnica e Treinamento de Goleiro reforça que o desenvolvimento do goleiro demanda uma organização metodológica específica para cada gesto, estruturada de forma progressiva e detalhada, visando o domínio completo da técnica (SANTOS; CORRÊA; LIMA, 2015).

- Pegada: A pegada é onde conseguimos ver muito bem a reação e a atenção do goleiro, como mostrado na figura 1, a pegada tem que ser alta, firme e que encaixe a bola facilmente, e é difícil isso acontecer se caso o goleiro cometer o erro de não estar focado na bola (Voser, 2010, p.185). No estudo de Gonçalves a pegada alta é um dos movimentos que mais é treinado no modo de repetição por ser algo muito utilizado e requisitado no jogo (Gonçalves; Silva; Scaglia, 2021).

Figura 2 – Pegada - ato de segurar a bola realizado pelo goleiro.



Fonte: Wingedgk (2011)

- Reposição de bola: Um movimento que inicia um jogo. A reposição de bola é um movimento que requer muita técnica e força da parte superior do corpo, assim, conforme escrito no livro de Almir Domingues, “Os membros superiores, principais responsáveis pelas saídas de bola com as mãos, merecem uma atenção especial, tanto nos exercícios com bola ou sem bola.”. Uma característica importante que o goleiro deve possuir é o conhecimento dos atletas de sua equipe, permitindo-lhe reconhecer e identificar a melhor maneira de repor a bola para o jogador, integrando, assim, aspectos do método global e a interação social do goleiro
- Queda: Logo atrás da pegada, no trabalho de Gonçalves (2021), a queda se configura como o segundo movimento mais explorado na metodologia de repetição. Como ilustrado na figura 2, a queda é um movimento que demanda uma considerável capacidade de reação por parte do atleta, uma vez que pode manifestar-se em diferentes formas: queda rasteira, meia altura/média ou alta. Nesse contexto, o jogador deve manter um nível elevado de concentração no lance, a fim de reagir prontamente e determinar qual abordagem utilizar.

Figura 3 – Movimento de queda realizado pelo goleiro a fim de agarrar a bola.



Fonte: GZH (2022)

- Saída do gol: Antigamente chamávamos de Defesa média na frente mista,

pois é uma defesa que requer muita agilidade e reação, pois o foco e o querer defender é tão grande em um goleiro, que mesmo com uma bola que é chutada forte e de perto, o goleiro mesmo com pouco tempo para reagir, ele utiliza a técnica mista. Ilustrado na figura 3 é uma composição da técnica paralela e alternada, assim terminando até com um joelho no chão.

Figura 4 – Saída do gol executada pelo goleiro.



Fonte: Wix (2012)

6.3.3 Capacidades físicas do goleiro de futebol

Segundo Almeida (2022) todo atleta necessita aperfeiçoar as suas capacidades físicas e cada atleta, de cada esporte prioriza a capacidade física que mais utiliza na sua função. O goleiro, portanto, precisa priorizar muitos, pois sua posição requer muito de si. Algumas capacidades físicas são mais importantes que as outras, todavia para o goleiro são:

- Flexibilidade: É capacidade que o atleta de executar um movimento que requer uma grande amplitude sendo de forças internas do atleta ou externas por outro atleta ou treinador;
- Velocidade: É uma habilidade física que envolve até a parte dos nervos e músculos, pois quanto mais rápido ele responder e reconstruir os músculos, mais rápido os movimentos e assim até ajudando na reação para a ação de defender;

- Força: Uma das capacidades física que mais vem ganhando forças, pois faz com que o músculo ganhe resistência contra as forças internas e externas, onde haverá um grande impacto nos movimentos de salto e deslocamento;
- Resistência: Ela representa a capacidade do corpo de em um pequeno ou grande período, aguentar um esforço superando a fadiga, pois é o fator principal que limita a resistência;
- Coordenação motora: É o maior motivo para o movimento perfeito. É a capacidade física que ajuda o atleta a compreender a ação e assim realizar ela com mais eficácia, mesmo sendo um movimento previsível ou imprevisível;
- Agilidade: É a capacidade física que trará benefícios para executar movimentos rápidos e que podem conter mudanças de direção. O goleiro tem a necessidade da melhora dessa capacidade física para que suas reações para levantar, trocar a direção, saltar após uma queda, sejam mais rápidas, e assim, ajudar a defender chutes mais fortes e difíceis, além dos rebotes que ocorrem no jogo.

6.4 O treinador esportivo e a pessoa com TEA

Cada sujeito é único, e a pessoa com TEA pode possuir limitações e/ou características peculiares, e segundo Martins (1992 apud Hoffmam, 2018), o que mais é observado entre os profissionais da educação física é a preocupação e despreparo para trabalhar com o aluno com TEA, e por não saber como respeitar a individualidade. O profissional poderia trabalhar não só o movimento do esporte, mas também desenvolver a interação e o foco na atividade.

Um profissional de educação física pode mudar uma vida, como no caso do atleta Charlison em 2021, mesmo após não passar na peneira do Botafogo, ele pediu para o técnico uma ajuda “Me deixa tentar ser bom em alguma coisa na minha vida”, conta o técnico Carlos Salomão, quando o atleta percebeu que não tinha passado na peneira, pois embasados na avaliação que fizeram, comenta o técnico “Ele tinha um tamanho diferenciado, cara alto, forte, mas que apresentava limitações cognitivas. Ele não conseguia

reproduzir o pedido dos treinadores.”, mas Carlos Salomão ficou comovido com o pedido do rapaz e deu a oportunidade e atualmente, Charlison é um dos destaques das divisões de base do Botafogo, já integrando na seleção brasileira da sua idade (Dilascio; Juppa; Santos, 2023).

“Como amigo, o técnico tem que estar preocupado com o bem-estar e a felicidade dos seus atletas. Ele deve impedir a apatia e o desinteresse e, ao mesmo tempo, reconhecer que cada atleta tem diferentes motivações, interesses, atitudes e habilidades” treinador precisa entender o lado de cada atleta seu, reconhecendo que nem todos são iguais e assim aprender a lidar com todas as pessoas, sendo típicas ou atípicas, tornando-se uma fonte de inspiração para seus atletas e até pessoas de fora que se inspiram no professor (Brandão; Agresta; Rebustini, 2002, p.26).

Podemos trazer essa importância do caso citado acima também, caso da Safia Middleton-Patel, uma goleira autista não compreendida por vários clubes e técnicos e assim perdendo oportunidades para crescer na carreira esportista, todavia nem todos são iguais e entendem a importância de compreender a atleta e assim dando a chance de ajudar o clube com o seu potencial em sua posição (Standley, 2025).

7 DISCUSSÃO

Em relação ao que foi apresentado na revisão, foi possível observar que determinadas características associadas as pessoas com o espectro autista apresentam pontos em comum com as exigências da posição de goleiro no futebol.

De acordo com as autoras Flavia Santos e Maria Eduarda Teixeira os resultados indicam que o hiperfoco, muitas vezes compreendido de forma negativa, pode ser ressignificado como uma habilidade favorável (Santos; Teixeira, 2024). Nesse sentido, no contexto esportivo, especialmente na posição de goleiro, tal característica pode ser aproveitada como recurso para sustentar elevados níveis de atenção e concentração, como no caso da Safia Middleton-Patel, permitindo que o atleta esteja preparado para intervir com eficácia nos momentos decisivos da partida (Standley, 2025). Nos movimentos que exigem agilidade e rápida capacidade de reação do goleiro, o hiperfoco pode se apresentar como um recurso de grande relevância, todavia todo treinamento tem que ser pensado especificamente para o seu aluno, nas suas dificuldades para adaptar as instruções visuais ou até reduzir estímulos auditivos, direcionando o seu foco em uma atividade que lhe conforte.

Atributos como velocidade de reação, raciocínio rápido, destreza e mobilidade são fundamentais para que o atleta consiga se levantar com prontidão e dar sequência à partida (de forma rápida e precisa). Com isso podemos observar que tais características podem ser potencializadas pelo hiperfoco de pessoas atípicas, funcionando como uma estratégia facilitadora no desempenho esportivo (Cardoso, 2014).

Além do hiperfoco, outra característica frequentemente associada à pessoa com espectro autista, pode ser analisada dentro do treinamento específico do goleiro. Conforme destaca Bosa (2006), indivíduos com o espectro tendem a apresentar dificuldades na interação social, aspecto que, em determinados contextos, tem sido trabalhado por meio de abordagens afetivas e individuais. Tais estratégias buscam promover a comunicação de maneira mais próxima e individualizada, o que dialoga com a natureza do treinamento do goleiro, caracterizado por um acompanhamento particular e

focado, possibilitando que essa dificuldade seja no processo de preparação esportiva (Bosa, 2006). Enquanto o goleiro necessita de atenção focada e baixa interação durante o jogo, a pessoa com TEA apresenta características que podem favorecer o desempenho nessa função, desde que o treinamento respeite seus limites sensoriais e comunicativos.

8 CONCLUSÃO

De acordo com a literatura, a pessoa com espectro autista possui alterações na estrutura cerebral, promovendo instabilidade entre as sinapses por conta de influências de estressores ambientais interferindo no equilíbrio do Sistema Nervoso Central, e dependendo da região afetada e do grau de limitações, influencia o surgimento de comorbidades distintas.

Em relação a metodologia do treinamento de goleiro de futebol, a predominância é do treino individualizado e altamente técnica, focado nos fundamentos de goleiro de futebol como: pegada, reposição de bola, queda e saída do gol.

Ao se relacionar as características da pessoa com espectro autista com o treinamento de goleiro de futebol, observa-se que a sua característica do hiperfoco pode ser aproveitada para otimizar o processo de treinamento, pois a habilidade de concentração no jogo e na bola, poderá contribuir na capacidade de reação e agilidade do atleta, assim como a dificuldade de interação social presente na pessoa com TEA pode ser relacionada a metodologia de treinamento individualizado aplicada aos goleiros de futebol e adaptado as suas particularidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Gabriel Araújo *et al.* Influencia do treinamento específico para goleiros de futsal, 2022, v.12, n.1. Acesso em 23/07/2025.

ANDRADE, Alexandro.; CENTENARO, Daniela Levandowski; SCOPEL, Evanea. Avaliação das Características de Personalidade de Goleiros Profissionais e Amadores. 2006, p. 272. Acesso em 15/09/2025.

BARRETOS, Nathalia. Por que os números de diagnóstico do autismo estão crescendo? Academia do autismo, Rio de Janeiro, 2023. Acesso em: Por que os números de diagnósticos do autismo estão crescendo? – Academia do Autismo. Acesso em: 1/ 04/ 2025.

BERTO, Elano Silva de Magalhães; MAGALHÃES, Flavia Costa Oliveira. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. São Paulo, 2017, v.9, n.34. Acesso em 08/06/2025.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. Porto Alegre, 2006. Acesso em: 15/ 09/2025.

BIANCHINI, Natalie do Carmo Prado; SOUZA, Luiz Augusto de Paula. Autismo e comorbidades: achados atuais e futuras direções de pesquisa. São Paulo, 2014, v.26, n.3. Acesso em: 20/ 04/ 2025.

BLATT, G. J. *The Neuropathology of Autism*. *Scientifica*, v. 2012, p. 1-15, 2012. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC3820437/> Acesso em: 5/10/2025

BRANDÃO, Maria Regina Ferreira; AGRESTA, Marisa; REBUSTINI, Flavio. Estados emocionais de técnicos brasileiros de alto rendimento. São Judas Tadeu, 2002, v.10, n.3. Acesso em 08/ 06/ 2025.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasil, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011_2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 18/ 04/ 2025.

BRASIL. Lei nº 13.977 de 08 de janeiro de 2020. Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea). Brasília, DF: Presidência da República, Casa Civil, 2020. Acesso em: 20/ 04/ 2025.

CARDOSO, João Lucas. Inspirado na Espanha, Maia trabalha velocidade de goleiro em “brincadeira”. Santa Catarina, 2014. Acesso em 22/09/2025.

CHAGAS, Luana da Silva; SANTOS, Eriane Cerqueira. AUTISMO: Uma visão dos aspectos moleculares e cognitivos. Niterói, 2025. Acesso em 02/10/2025.

CHATGPT. Imagem gerada por inteligência artificial a partir de comando do usuário. 2025.

DILASCIO, Flávio; JUPPA, Fábio; SANTOS, Felipe. O salto de Charlison: conheça

o autista que é a grande promessa do basquete brasileiro. Rio de Janeiro, 2023. Acesso em 05/05/2025.

DOMINGUES, Almir. 100 Segredos do Goleiro. São Paulo: Ícone, 2012.

EVANGELHO, Victor Gustavo Oliveira *et al.* Autismo no Brasil: uma revisão sobre estudos em neurogenética, Niterói, Rio de Janeiro, 2021. Acesso em: 18/ 04/ 2025.

FAGUNDES, Thayná Lima. Concepções e percepções de preparadores e atletas sobre o treinamento de goleiros (as) amadores de futebol e futsal, Porto Alegre, 2020. Acesso em: 18/ 04/ 2025.

GONÇALVES, Rodrigo Baldi; SILVA, Luis Felipe Nogueira; SCAGLIA, Alcides José. Treinamento de goleiros no futebol: uma descrição metodológica no alto rendimento. In: Revista Brasileira de Futsal e Futebol. V.13.,2021.

GZH. Após analisar diversos nomes para a posição, Grêmio cessa busca por mais um goleiro | GZH. Acesso em 22/09/2025.

HOFFMAM, Deborah Christina Lopes. Psicologia, esporte e inclusão: considerações sobre o transtorno do espectro autista e a inclusão social por meio de atividades esportivas, Minas gerais, 2018. Acesso em: 18/ 04/ 2025.

LIMA, Felipe Oliveira de. *Fundamentos de um goleiro*. TrabalhosFeitos.com, 2009. Disponível em: <https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Fundamentos-De-Um-Goleiro/150282.html>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MARINHO, Vania Lucia B.; MERKLE, Eliane A. R. Um olhar sobre o autismo e sua especificação. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO- EDUCEREED, Ed.9,2009.

MARREIROS, Ana Paula Saraiva; SANT'ANA, Paula Grippa. Treinamento para goleiros de futebol, São Paulo, 2022. Acesso em 12/ 05/ 2025.

RICCO, Ana Claudia. Efeitos da atividade física no autismo. Rio Claro,2017. p. 9.

RONZANI, Leticia Domingos *et al.* Comorbidades psiquiátricas no transtorno de espectro autista: um artigo de revisão. Santa Catarina,2021. Acesso em: 20/ 04/ 2025.

SANTOS, Fábio Junio da Silva *et al.* Transtorno do espectro autista (TEA) desafios da inclusão. São Camilo, 2020. v. 2.

SANTOS, Flavia Naiara Zacarias; TEIXEIRA, Maria Eduarda Nogueira. Acessibilidade na educação: utilizando o hiperfoco como ferramenta no aprendizado matemático por meio de atividades adaptadas. São Paulo, 2024, v.29, n.84.

SANTOS, João; CORRÊA, Luiz; LIMA, Ricardo (Org.). Futebol: história, técnica e treinamento de goleiro. Rio de Janeiro: Sprint, 2015.

SILVA, Marcelia Alexandrina Chaves *et al.* Principais desafios enfrentados pelos cuidadores no atendimento a pessoas com autismo no contexto da saúde pública.

Curitiba, 2024, v. 7, n. 9. Acesso em 10/07/2025.

STANDLEY, James. 'Eu amo meus fãs, mas também tenho medo de conhecê-los' – a vida como um jogador de futebol de elite autista. 27 jun. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/football/articles/c23gl9v947zo>. Acesso em: 10 ago. 2025.

STIPP, Gretchen. O autismo é um espectro com habilidades e limitações, mas se o foco for as limitações, nunca enxergaremos as possibilidades. Abra a sua mente! Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MjYwNTMzOA/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SOUZA, Ruan Carlo Gonçalves de. A posição de goleiro no futebol: uma análise das demandas técnicas, físicas e psicológicas. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: *Repositório Institucional da UFRGS*. Acesso em: 20 ago. 2025.

VICENTE, Astrid Moura et al. O autismo. Instituto Nacional de Saúde, Doutor Ricardo Jorge. Lisboa, 2016. Acesso em 18/05/2025

VOSER, Rogério da Cunha. Futebol: história, técnica e treino de goleiro. Porto Alegre, 2010, 2 ed.

WINGED GOALKEEPER. Defeito nos goleiros sul coreanos – Fundamentos |. Acesso em 22/09/2025.

WIX. Saída em "X" | ronaldogoalkeepers. Acesso em 22/09/2025